

# Profilaxia de tromboembolismo venoso na gestação

## *Venous thromboembolism prophylaxis in pregnancy*

André Luiz Malavasi Longo de Oliveira<sup>1</sup>, Marcos Arêas Marques<sup>2</sup>

### Resumo

O tromboembolismo venoso é importante causa de morbidade e mortalidade obstétrica. Durante a gestação, o risco de sua ocorrência aumenta entre cinco e dez vezes quando comparado ao de mulheres não gestantes de mesma idade. Associado a esse fato, a gestante apresenta algumas limitações para o diagnóstico clínico (alta frequência de dor e edema nos membros inferiores), ecográfico (menor sensibilidade e especificidade no diagnóstico de trombose venosa de íliaca com a evolução da gestação) e laboratorial (o D-dímero apresenta aumento progressivo no decorrer da gravidez). Uma estratificação criteriosa de risco de tromboembolismo venoso de cada mulher antes da gestação pode diminuir a incidência dessa doença, frequente e de difícil diagnóstico na gravidez, e suas complicações.

**Palavras-chave:** trombose venosa; profilaxia; gravidez.

### Abstract

Venous thromboembolism is a major cause of obstetric morbidity and mortality. During pregnancy, the risk of occurrence increases between five and ten times when compared to women of the same age who are not pregnant. Compounding this is the fact that pregnant women present certain characteristics that make diagnosis more difficult using clinical signs (high frequency of pain and swelling in the lower limbs), echographic examination (lower sensitivity and specificity for diagnosis of iliac vein thrombosis as pregnancy progresses), and laboratory findings (D-dimer levels progressively increase throughout pregnancy). Conducting careful stratification of women's venous thromboembolism risk before pregnancy could reduce the incidence of this disease, which is frequent and difficult to diagnose during pregnancy, and of its complications.

**Keywords:** venous thrombosis; prophylaxis; pregnancy.

<sup>1</sup>Centro de Referência da Saúde da Mulher do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Hospital Universitário Pedro Ernesto – HUPE, Angiologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Fonte de financiamento: Nenhuma.

Conflito de interesse: Os autores são palestrantes da Sanofi.

Submetido em: Outubro 12, 2016. Aceito em: Dezembro 14, 2016.

O estudo foi realizado no Hospital Universitário Pedro Ernesto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e no Centro de Referência da Saúde da Mulher do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

## ■ INTRODUÇÃO

O parto, ao longo da história, sempre foi associado ao risco de morte. Com a evolução dos cuidados hospitalares, as intervenções médicas conseguiram reduzir as taxas de óbitos maternos e, em países que controlaram as causas clássicas de morte materna direta, como infecção puerperal, eclampsia e hemorragia, o tromboembolismo venoso (TEV) desponta como a principal delas<sup>1,2</sup>. Na sua forma mais letal, a embolia pulmonar (EP), o TEV apresenta uma grande barreira que dificulta o seu diagnóstico durante a gestação, causada em parte pela limitação ao uso de métodos de imagem que dependem de radiação<sup>3-5</sup>.

A gestante apresenta os três componentes etiopatogênicos da tríade de Virchow: a) estase, devido à compressão das veias cava e ilíaca comum esquerda pelo útero gravídico e à diminuição do tônus venoso por causa da ação miorelaxante da progesterona; b) hipercoagulabilidade, secundária à indução da síntese hepática dos fatores VII, VIII e X de coagulação pelo estriol placentário, aumento do fibrinogênio e do inibidor do ativador do plasminogênio tipo I e II, e diminuição da síntese de proteína S; c) lesão endotelial, que ocorre na nidação, remodelação endovascular das artérias uteroespiraladas e com a dequitação<sup>6</sup>.

Durante a gestação, o risco de TEV aumenta de cinco a dez vezes, podendo chegar a 20 vezes no puerpério, quando comparado ao de mulheres não gestantes de mesma idade<sup>6-8</sup>. Após esse período, sua frequência diminui rapidamente, apesar do risco residual que persiste por até 12 semanas pós parto<sup>9</sup>.

A trombose venosa profunda (TVP) de membros inferiores é responsável por 75 a 80% dos episódios de TEV na gestação<sup>6</sup>. Aproximadamente dois terços das TVPs ocorrem no período antenatal e distribuem-se igualmente nos três trimestres. Entretanto, de 43 a 60% dos episódios de EP ocorrem nas primeiras 6 semanas do puerpério<sup>10,11</sup>. Nas gestantes as TVPs predominam ainda mais no membro inferior esquerdo (90% versus 55%) e no segmento íleo-femoral (72% versus 9%), quando comparadas às não gestantes. Esse fato pode ser explicado pela acentuação da compressão da veia ilíaca comum esquerda pela artéria ilíaca comum direita contra a quinta vértebra lombar, causada pelo útero gravídico<sup>6</sup>.

A prevalência do TEV é de 0,5 a 2,2 casos para cada 1.000 partos, dependendo da população estudada<sup>7,11-16</sup>. A incidência absoluta de TEV na gestação e puerpério foi de 107 por 100.000 mulheres-ano no Reino Unido (RU)<sup>17</sup> e de 175 por 100.000 mulheres-ano na Dinamarca e no Canadá<sup>18,19</sup>. No Brasil, não há dados

oficiais sobre a mortalidade materna por TEV<sup>20</sup>. A EP permanece como a principal causa de morte materna direta no RU; porém, houve uma queda significativa de mortalidade materna por EP no parto vaginal (de 1,56 por 100.000 partos em 2003-2005 para 0,70 por 100.000 partos em 2006-2008). Isso ocorreu devido à aplicação da primeira versão (2004), das diretrizes do *Royal College of Obstetricians and Gynaecologists* (RCOG) para redução do risco de TEV durante a gestação e o puerpério<sup>21,22</sup>. A prevenção do TEV na gestação, através de diretrizes, levando em conta os fatores de risco presentes, e a consequente instituição de profilaxia mecânica e/ou farmacológica, é a melhor estratégia para reduzir essa nefasta intercorrência<sup>3-5,23</sup>.

## ■ METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, considerando as publicações disponíveis na base de dados bibliográficos PUBMED no período de 2011 a 2016. A pesquisa constou das seguintes palavras-chave: *venous thrombosis, deep venous thrombosis, superficial venous thrombosis, venous thrombosis prophylaxis, treatment venous thromboembolism, disease pregnancy, pregnancy outcome, thrombophilia pregnancy e maternal mortality*. O critério de inclusão de artigos no estudo foi de trabalhos que contemplassem pelo menos uma das palavras-chave.

## ■ RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Fatores de risco

Estima-se que de 79 a 89% das gestantes que morrem por EP apresentam ao menos um fator de risco identificável<sup>21-24</sup>. A cesariana é um fator de risco significativo<sup>11,25,26</sup>, porém mulheres submetidas a parto vaginal estão também sob risco<sup>21</sup>. O TEV prévio e a presença de trombofilia previamente diagnosticada são dois fatores de risco de TEV em gestantes que podem ser identificados antes da gravidez durante a anamnese<sup>19,27,28</sup>. Estudos relatam que as trombofilias hereditárias são observadas em 20 a 50% dos casos de ocorrência de TEV na gestação<sup>24,29</sup>. Nas gestantes com TEV prévio, o risco de recorrência é 24,8 vezes maior<sup>24</sup>.

### Obesidade

A obesidade é um importante fator de risco para TEV na gestação<sup>11,15,30-32</sup> e esse risco cresce à medida que o índice de massa corporal (IMC) aumenta<sup>33</sup>. A obesidade (IMC > 30 kg/m<sup>2</sup>) é associada ao aumento de 14,9 vezes de risco de EP e TVP<sup>32</sup>. O sobrepeso materno (IMC entre 25 e 29,9 kg/m<sup>2</sup>) é um fator de

risco muito comum, porém fraco, para TEV relacionado à gestação<sup>24</sup>. Entre as gestantes que morreram de EP no RU entre 2003 e 2008, a proporção de obesas (IMC de 30 kg/m<sup>2</sup> ou mais) pode chegar a 60%<sup>21,22</sup>.

### Idade

Dados extraídos de estudos do tipo caso-controle sugerem aumento de risco de duas vezes para mulheres com mais de 35 anos<sup>14,15,19</sup>. Em estudo conduzido no RU em que se utilizou uma coorte ampla de mulheres fora da gestação, aquelas com idade entre 35 e 44 anos apresentaram risco 50% maior de TEV quando comparadas com aquelas entre 25 e 34 anos. A ocorrência de TEV não aumentou com a idade no período anteparto; contudo, mulheres em fase puerperal, entre 35 e 44 anos, apresentaram risco 70% superior quando comparadas àquelas entre 25 e 34 anos (o que corresponde a aumento de risco absoluto de 1,6 por 1.000 pessoas-anos)<sup>17</sup>. Um estudo coreano similar observou que o aumento da faixa etária não se correlacionou a aumento do risco de TEV<sup>25</sup>. De modo geral, considera-se a idade de 35 anos ou mais como fator de risco antenatal e puerperal<sup>24</sup>.

### Imobilidade e viagens de longa distância

Os dados relacionados à imobilidade e viagens de longa distância em gestantes são limitados, sendo necessária a extrapolação de estudos de populações não gestantes<sup>34-36</sup>. As diretrizes relativas a cuidados antenatais do Instituto Nacional de Excelência em Saúde e Cuidados (National Institute of Health and Care Excellence, NICE)<sup>35</sup> e as recomendações do RCOG sobre viagens aéreas durante a gestação<sup>37</sup> estabelecem que voos com duração superior a 4 horas aumentam o risco de TEV. Estudo caso-controle norueguês apontou aumento do risco de TEV em gestantes com IMC > 25 kg/m<sup>2</sup> e imobilização anteparto (definida como restrição ao leito por tempo igual ou superior a 1 semana antes do parto ou antes do diagnóstico de TEV), mostrando efeito multiplicador sobre o risco de TEV anteparto e pós-parto (risco: 40,1 e 62,3 respectivamente)<sup>11</sup>.

### Admissão hospitalar

A admissão hospitalar durante a gravidez é associada a aumento de 18 vezes no risco de TEV em comparação ao risco basal fora do hospital, e o risco permanece elevado após o parto, seis vezes maior, nos 28 dias seguintes. Na internação hospitalar, o risco é maior no terceiro trimestre de gravidez e em mulheres acima de 35 anos<sup>38</sup>.

### Outros fatores de risco

Algumas comorbidades têm sido associadas ao aumento do risco de TEV durante a gestação, entre elas estão: doença intestinal inflamatória<sup>39</sup>, infecção do trato urinário<sup>24</sup>, lúpus eritematoso sistêmico, cardiopatias<sup>19</sup>, hipertensão arterial sistêmica induzida pela gestação ou pré-eclampsia<sup>25,27</sup> e cirurgia antenatal não obstétrica<sup>40</sup>.

Na análise de dados de 1.475.301 altas em maternidades escocesas, Kane et al.<sup>27</sup> encontraram fatores de risco associados ao TEV que incluíam três ou mais gestações anteriores, hemorragia obstétrica e pré-eclampsia.

A hiperêmese aumenta o risco de TEV pós-natal em 4,4 vezes<sup>19</sup>. A correta utilização dessas informações tem profundas implicações para obstetras, já que muitos eventos tromboembólicos são fatais e ocorrem no primeiro trimestre, frequentemente antes do agendamento da primeira consulta de pré-natal, quando deveria ser instituída a profilaxia antenatal<sup>13,21,24,41,42</sup>. Outros fatores de risco para o TEV e os respectivos riscos relativos estão listados na Tabela 1.

### Profilaxia

A estratificação de risco de TEV na gestação baseia-se na avaliação de cada paciente e deve ser realizada em todas as mulheres antes da gestação e logo que engravidam, recomendando-se repeti-la ao longo do pré-natal, diante de eventual surgimento de novos fatores de riscos. As preferências e as considerações das gestantes devem ser levadas em conta no momento da escolha da tromboprofilaxia<sup>43</sup>.

Abaixo, foram sintetizadas as diretrizes das entidades mais relevantes na área de diagnóstico, profilaxia e tratamento do TEV na gestação: *American College of Obstetricians and Gynaecologists (ACOG)*<sup>44</sup>, *Society of Obstetricians and Gynaecologists of Canada (SOGC)*<sup>43</sup>, RCOG<sup>45</sup> e *American College of Chest Physicians (ACCP)*<sup>46</sup>. A Tabela 2 apresenta a dosagem das heparinas sugerida para profilaxia de TEV em gestantes de acordo com SOGC<sup>43</sup>.

### Prevenção de recorrência de TEV

Episódio único de TEV sem uso de anticoagulação de longa duração e com trombofilia conhecida

Heterozigose do fator V de Leiden ou mutação do gene 20210 da protrombina

#### Anteparto

ACOG: dose profilática ou intermediária de heparina de baixo peso molecular (HBPM), dose profilática de heparina não fracionada (HNF), ou observação clínica<sup>44</sup>.

**Tabela 1.** Fatores de risco de TEV na gestação e risco relativo (RR) associado.

Fator de risco	RR
TEV prévio	24,8
Idade > 35 anos	1,3
Obesidade	2,65
IMC > 30 kg/m <sup>2</sup>	5,3
IMC > 25 kg/m <sup>2</sup>	1,8
Ganho de peso > 21 kg durante a gestação	1,6
Multiparidade	4,03
Tabagismo antenatal (10-30 cigarros/dia)	2,1
Tabagismo pós-natal (10-30 cigarros/dia)	3,4
Tabagismo na gestação	2,7
Anemia falciforme	6,7
Cardiopatia	7,1
Lúpus eritematoso sistêmico	8,7
Anemia	2,6
Veias varicosas	2,4
Imobilidade	7,7
Pré-eclampsia	3,1
Hiperêmese	4,4
Fertilização <i>in vivo</i>	4,2
Gestação gemelar	2,6
Gestação múltipla	4,2
Parto pré-maturo (< 37 semanas de gestação)	2,4
Natimorto	6,24
Hemorragia anteparto	2,3
Cesariana de emergência	2,7
Cesariana eletiva	1,3
Hemorragia pós-parto > 1 L	4,1
Hemorragia pós-parto > 1 L + cirurgia	12
Infecção pós-parto	4,1
Cesariana + infecção pós-parto	6,2
Transfusão	7,6

TEV: tromboembolismo venoso; RR: risco relativo; IMC: índice de massa corpórea.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM por toda a gestação<sup>45</sup>.

ACCP: baixo risco de recorrência (episódio único associado a risco transitório não relacionado à gestação ou a estrógeno): observação clínica;

Risco moderado a alto (episódio único de TEV não provocado, TEV relacionado à gestação ou ao uso de estrógeno ou múltiplos TEVs não provocados) sem anticoagulação de longa duração: dose profilática ou intermediária de HBPM<sup>46</sup>.

Pós-parto

ACOG: dose intermediária de HBPM ou HNF ou anticoagulação com antagonistas da vitamina K (AVK) por 4 a 6 semanas<sup>44</sup>.

**Tabela 2.** Doses sugeridas de HBPM e HNF na profilaxia do TEV relacionados à gestação pela SOGC<sup>43</sup>.

<b>Dose profilática de HNF</b>	5.000 UI SC duas vezes ao dia
<b>Dose intermediária de HNF</b>	10.000 UI SC duas vezes ao dia
<b>Dose profilática de HBPM</b>	Dalteparina 5.000 UI uma vez ao dia Enoxaparina 40 mg uma vez ao dia
<b>Dose intermediária de HBPM</b>	Dalteparina 5.000 UI duas vezes ao dia ou 10.000 UI uma vez ao dia Enoxaparina 80 mg uma vez ao dia ou 40 mg duas vezes ao dia

HBPM: heparina de baixo peso molecular; HNF: heparina não fracionada; SOGC: Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Canadá; SC: subcutâneo.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM ou anticoagulação com AVK<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK por 6 semanas<sup>46</sup>.

Deficiência de proteína C ou S

Anteparto

ACOG: dose profilática ou intermediária de HBPM, HNF ou observação clínica<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM por toda a gestação<sup>45</sup>.

ACCP: baixo risco de recorrência: observação clínica;

Risco moderado a alto sem anticoagulação de longa duração: dose profilática ou intermediária de HBPM<sup>46</sup>.

Pós-parto

ACOG: anticoagulação com AVK ou dose intermediária de HBPM ou HNF por 4 a 6 semanas<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM ou anticoagulação com AVK por 6 semanas<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM por 6 semans<sup>46</sup>.

Heterozigose composta

Anteparto

ACOG: dose profilática, intermediária ou ajustada de HBPM ou HNF<sup>44</sup>.

SOGC: dose intermediária ou terapêutica de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM<sup>45</sup>.

ACCP: baixo risco de recorrência de TEV: observação clínica<sup>46</sup>.

Pós-parto

ACOG: dose intermediária ou ajustada de HBPM, HNF ou anticoagulação com AVK por 4 a 6 semanas<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM ou anticoagulação com AVK por pelo menos 6 semanas<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK por 6 semanas<sup>46</sup>.

Deficiência de antitrombina

Anteparto

ACOG: dose profilática, intermediária ou ajustada de HBPM ou de HNF<sup>44</sup>.

SOGC: dose intermediária ou terapêutica de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: manejo em conjunto com médico especialista em anticoagulação ou trombose na gestação; considerar a dosagem sérica antenatal do fator anti-Xa e a possibilidade de reposição de antitrombina no início do trabalho de parto ou antes da cesariana; se os níveis de anti-Xa forem dosados, deve-se realizar teste que não use antitrombina exógena com alvo no pico de 4 horas após a administração de 0,5 a 1,0 UI/mL: dose alta de HBPM (50, 75 ou 100% da dose plena ajustada por peso)<sup>45</sup>.

ACCP: baixo risco de recorrência: observação clínica;

Risco de moderado a alto sem anticoagulação de longa duração: dose profilática ou intermediária de HBPM<sup>46</sup>.

Pós-parto

ACOG: dose profilática ou intermediária de HBPM, HNF ou anticoagulação com AVK por 4 a 6 semanas<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: HBPM, 50, 75 ou 100% da dose plena ajustada por peso por 6 semanas ou até o retorno da anticoagulação oral<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK<sup>46</sup>.

Síndrome do anticorpo antifosfolípido (SAF)

Anteparto

ACOG: anticoagulação com heparina por toda a gestação<sup>44</sup>.

SOGC: dose intermediária ou terapêutica de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: manejo em conjunto com médico especialista em anticoagulação ou trombose na gestação: profilaxia com dose alta de HBPM (50, 75 ou 100% da dose plena ajustada por peso)<sup>45</sup>.

ACCP: baixo risco de recorrência: observação clínica;

Risco de moderado a alto de recorrência sem anticoagulação de longa duração: dose profilática ou intermediária de HBPM<sup>46</sup>.

Pós-parto

ACOG: 6 semanas de anticoagulação com heparina<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: dose alta de HBPM (50%, 75% ou 100% da dose plena ajustada por peso) ou até o retorno da anticoagulação oral<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK<sup>46</sup>.

TEV prévio associado a fator de risco transitório não relacionado a estrógeno, sem trombofilia conhecida

Anteparto

ACOG: observação clínica<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: se o TEV foi provocado por cirurgia de grande porte, sem outros fatores de risco, a trombopprofilaxia com HBPM pode ser iniciada a partir de 28 semanas, desde que não haja outros fatores de risco; se o TEV original tiver relação com fatores de risco transitórios, exceto cirurgia de grande porte, a HBPM deve ser administrada por toda a gestação<sup>45</sup>.

ACCP: baixo risco de recorrência: observação clínica<sup>46</sup>.

Pós-parto

ACOG: terapia anticoagulante pós-parto<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM ou anticoagulação com AVK por pelo menos 6 semanas<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK por 6 semanas, se não houver deficiência de proteína C ou S<sup>46</sup>.

TEV prévio associado à gestação ou ao uso de estrógeno

Anteparto

ACOG: dose profilática de HBPM ou HNF<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: trombopprofilaxia com HBPM<sup>45</sup>.

ACCP: risco moderado a alto de recorrência sem anticoagulação de longa duração: dose profilática ou intermediária de HBPM<sup>46</sup>.

Pós-parto

ACOG: terapia anticoagulante pós-parto<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: profilaxia com HBPM ou anticoagulação com AVK por pelo menos 6 semanas<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK, por 6 semanas, se não houver deficiência de proteína C ou S<sup>46</sup>.

#### TEV prévio não provocado

##### Anteparto

ACOG: dose profilática de HBPM ou HNF<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM<sup>45</sup>.

ACCP: risco de moderado a alto de recorrência de TEV sem anticoagulação de longa duração: dose profilática ou intermediária de HBPM<sup>46</sup>.

##### Pós-parto

ACOG: terapia anticoagulante pós-parto<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: dose profilática de HBPM ou AVK por pelo menos seis semanas<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK por seis semanas, se não houver deficiência de proteína C ou S<sup>46</sup>.

#### Dois ou mais episódios de TEV sem uso de anticoagulação de longa duração

##### Anteparto

ACOG: dose profilática ou terapêutica de HBPM ou HNF<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: acompanhamento com especialista em trombose na gravidez: dose alta de HBPM (50%, 75% ou 100% da dose ajustada por peso)<sup>45</sup>.

ACCP: risco moderado a alto de recorrência sem anticoagulação de longa duração: dose profilática ou intermediária de HBPM<sup>46</sup>.

##### Pós-parto

ACOG: anticoagulação pós-parto por 4 a 6 semanas<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente) por 6 semanas<sup>43</sup>.

RCOG: dose alta de HBPM (50%, 75% ou 100% da dose plena ajustada por peso) por 6 semanas<sup>45</sup>.

ACCP: dose profilática ou intermediária de HBPM ou anticoagulação com AVK por 6 semanas, se não houver deficiência de proteína C ou S<sup>46</sup>.

#### Dois ou mais episódios de TEV com uso de anticoagulação de longa duração

##### Anteparto

ACOG: dose terapêutica de HBPM ou HNF<sup>44</sup>.

SOGC: dose profilática de HNF ou HBPM (preferencialmente)<sup>43</sup>.

RCOG: as mulheres devem ser alertadas sobre os riscos do uso de AVK para o feto e aconselhadas a interromper tais medicações e a mudar para HBPM assim que a gestação se confirmar (o ideal seria com 2 semanas de atraso menstrual e antes de 6 semanas de gravidez): dose alta de HBPM (50%, 75% ou 100% da dose plena ajustada por peso)<sup>44</sup>.

ACCP: em caso de uso de longa duração de AVK e se a paciente for candidata à substituição por HBPM, sugere-se a realização frequente de testes de gravidez e a substituição de AVK por HBPM somente quando se confirmar a gravidez. Recomenda-se dose ajustada ou 75% da dose terapêutica de HBPM<sup>46</sup>.

##### Pós-parto

ACOG: retomar a anticoagulação de longa duração<sup>44</sup>.

SOGC: retomar a anticoagulação de longa duração<sup>43</sup>.

RCOG: dose alta de HBPM (50%, 75% ou 100% da dose plena ajustada por peso) por 6 semanas ou até o retorno da anticoagulação oral. Pode-se reiniciar o uso de AVK no caso de mulheres que recebem anticoagulação de longa duração com esse agente quando o risco de sangramento se reduzir, usualmente de 5 a 7 dias pós-parto<sup>45</sup>.

ACCP: sugere-se a retomada da anticoagulação de longa duração em vez da administração de dose profilática de HBPM<sup>46</sup>.

#### Prevenção de TEV associado a cesariana

Revisão sistemática da Cochrane concluiu que não há evidências suficientes da tromboprofilaxia pós-cesariana devido ao pequeno número de estudos e a diferentes critérios de comparação<sup>47</sup>. Embora o risco de TEV associado à cesariana seja baixo<sup>15,48-50</sup>, quando há relação com outros fatores de risco a ocorrência de TEV passa a ser significativa e deve-se indicar a instituição de tromboprofilaxia<sup>43-46</sup>.

ACOG: compressão pneumática intermitente (CPI) antes da cesariana se a paciente não fizer uso de tromboprofilaxia<sup>44</sup>.

SOGC: recomenda-se profilaxia farmacológica no pós-parto diante das seguintes situações: TEV prévio; trombofilia de alto risco (SAF, deficiência de antitrombina, homozigose do fator V de Leiden ou mutação do gene G20210A da protrombina ou trombofilias combinadas), restrição ao leito antes do parto por 7 ou mais dias, sangramento maior que 1 L no periparto ou no pós-parto, transfusão de hemoderivados, cirurgia pós-parto e infecção no periparto ou no pós-parto<sup>43</sup>. Deve-se considerar o uso de profilaxia farmacológica na ocorrências de duas ou mais das seguintes situações: IMC  $\geq$  30 kg/m<sup>2</sup> na

primeira consulta pré-natal, tabagismo > 10 cigarros/dia, pré-eclampsia, restrição de crescimento fetal, placenta prévia, cesariana de emergência, sangramento maior que 1 L no periparto ou no pós-parto ou transfusão de hemoderivados, trombofilia de baixo risco (deficiência de proteínas C ou S, heterozigose do fator V de Leiden ou mutação 20210A do gene da protrombina), doença cardíaca materna, lúpus eritematoso sistêmico, anemia falciforme, doença inflamatória intestinal, varizes de membros inferiores, diabetes gestacional, parto prematuro, parto de natimorto, ou três ou mais dos seguintes fatores de risco: idade > 35 anos, paridade  $\geq$  2, qualquer técnica de reprodução assistida, gestação múltipla, descolamento prematuro de placenta, ruptura prematura de membranas, cesariana eletiva ou câncer materno. As mulheres com fatores de risco persistentes devem receber trombotoprofilaxia no mínimo por 6 semanas pós-parto; as mulheres com fatores de risco transitórios no anteparto e intraparto devem receber trombotoprofilaxia até a alta hospitalar ou até 2 semanas após o parto<sup>43</sup>.

RCOG: cesariana de emergência, 10 dias após o parto com dose profilática de HBPM; para todas as outras pacientes submetidas a cesariana, considerar 10 dias de HBPM em dose profilática se houver outros fatores de risco<sup>45</sup>.

ACCP: na ausência de fatores de risco adicionais, não utilizar profilaxia além de deambulação precoce; no caso de um fator de risco maior ou de  $\geq$  dois fatores de risco menores (um menor se houver cesariana de emergência), sugere-se profilaxia com HBPM após o parto enquanto a paciente permanecer no hospital (se houver contraindicação de anticoagulação, usar profilaxia mecânica com meias elásticas ou CPI); no caso de risco altíssimo com fatores de risco adicionais que persistem no puerpério, combinar HBPM com meias elásticas e/ou CPI; as pacientes selecionadas de alto risco com fatores de risco adicionais que persistem no puerpério devem receber até 6 semanas de extensão de profilaxia após a alta hospitalar<sup>46</sup>.

## CONCLUSÃO

As recomendações sugeridas aqui dependem de variações individuais entre os pacientes e têm o intuito de informar, e não de substituir, o julgamento clínico do médico, que em última análise deve determinar o tratamento apropriado para cada indivíduo. Porém, com uma abordagem profilática apropriada, a incidência de TEV na gestante pode diminuir, evitando assim suas complicações agudas e crônicas.

## REFERÊNCIAS

1. Say L, Chou D, Gemmill A, et al. Global causes of maternal death: a WHO systematic analysis. *Lancet Glob Health*. 2014;2(6):e323-33. PMID:25103301. [http://dx.doi.org/10.1016/S2214-109X\(14\)70227-X](http://dx.doi.org/10.1016/S2214-109X(14)70227-X).
2. Bourjeily G, Paidas M, Khalil H, Rosene-Montella K, Rodger M. Pulmonary embolism in pregnancy. *Lancet*. 2010;375(9713):500-12. PMID:19889451. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(09\)60996-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(09)60996-X).
3. Chan WS, Ray JG, Murray S, Coady GE, Coates G, Ginsberg JS. Suspected pulmonary embolism in pregnancy: clinical presentation, results of lung scanning, and subsequent maternal and pediatric outcomes. *Arch Intern Med*. 2002;162(10):1170-5. PMID:12020189. <http://dx.doi.org/10.1001/archinte.162.10.1170>.
4. Shahir K, Goodman LR, Tali A, Thorsen KM, Hellman RS. Pulmonary embolism in pregnancy: CT pulmonary angiography versus perfusion scanning. *AJR Am J Roentgenol*. 2010;195(3):214-20. PMID:20729418. <http://dx.doi.org/10.2214/AJR.09.3506>.
5. Ramsay R, Byrd L, Tower C, James J, Prescott M, Thachil J. The problem of pulmonary embolism diagnosis in pregnancy. *Br J Haematol*. 2015;170(5):727-8. PMID:25752876. <http://dx.doi.org/10.1111/bjh.13322>.
6. Simcox LE, Ormsher L, Tower C, Greer IA. Pulmonary thromboembolism in pregnancy: diagnosis and management. *Breathe*. 2015;11(4):282-9. PMID:27066121. <http://dx.doi.org/10.1183/20734735.008815>.
7. Heit JA, Kobbervig CE, James AH, Petterson TM, Bailey KR, Melton LJ 3rd. Trends in the incidence of venous thromboembolism during pregnancy or postpartum: a 30-year population-based study. *Ann Intern Med*. 2005;143(10):697-706. PMID:16287790. <http://dx.doi.org/10.7326/0003-4819-143-10-200511150-00006>.
8. Greer IA. Thrombosis in pregnancy: updates in diagnosis and management. *Hematology*. 2012;2012:203-7. PMID:23233582.
9. Kamel H, Navi BB, Sriram N, Hovsepian DA, Devereux RB, Elkind MSV. Risk of a thrombotic event after the 6-week postpartum period. *N Engl J Med*. 2014;370(14):1307-15. PMID:24524551. <http://dx.doi.org/10.1056/NEJMoa1311485>.
10. Ray JG, Chan WS. Deep vein thrombosis during pregnancy and the puerperium: a meta-analysis of the period of risk and the leg of presentation. *Obstet Gynecol Surv*. 1999;54(4, Supl):265-71. PMID:10198931. <http://dx.doi.org/10.1097/00006254-199911001-00026>.
11. Jacobsen AF, Skjeldestad FE, Sandset PM. Incidence and risk patterns of venous thromboembolism in pregnancy and puerperium: a register-based case-control study. *Am J Obstet Gynecol*. 2008;198(2):233.e1-7. PMID:17997389. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajog.2007.08.041>.
12. Heit JA, Kobbervig CE, James AH, Petterson TM, Bailey KR, Melton LJ 3rd. Trends in the incidence of venous thromboembolism during pregnancy or postpartum: a 30-year population-based study. *Ann Intern Med*. 2005;143(10):697-706. PMID:16287790. <http://dx.doi.org/10.7326/0003-4819-143-10-200511150-00006>.
13. Gherman RB, Goodwin TM, Leung B, Byrne JD, Hethumumi R, Montoro M. Incidence, clinical characteristics, and timing of objectively diagnosed venous thromboembolism during pregnancy. *Obstet Gynecol*. 1999;94(5 Pt 1):730-4. PMID:10546719.
14. Lindqvist P, Dahlbäck B, Maršál K. Thrombotic risk during pregnancy: a population study. *Obstet Gynecol*. 1999;94(4):595-9. PMID:10511366.
15. Simpson EL, Lawrenson RA, Nightingale AL, Farmer RD. Venous thromboembolism in pregnancy and the puerperium: incidence and additional risk factors from a London perinatal database. *BJOG*. 2001;108(1):56-60. PMID:11213005. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-0528.2001.00004.x>.

16. Anderson FA Jr, Wheeler HB, Goldberg RJ, et al. A population-based perspective of the hospital incidence and case-fatality rates of deep vein thrombosis and pulmonary embolism. The Worcester DVT Study. *Arch Intern Med.* 1991;151(5):933-8. PMID:2025141. <http://dx.doi.org/10.1001/archinte.1991.00400050081016>.
17. Sultan AA, West J, Tata LJ, Fleming KM, Nelson-Piercy C, Grainge MJ. Risk of first venous thromboembolism in and around pregnancy: a population-based cohort study. *Br J Haematol.* 2012;156(3):366-73. PMID:22145820. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2141.2011.08956.x>.
18. Virk RA, Løkkegaard ECL, Bergholt T, Mogensen U, Langhoff-Roos J, Lidegaard Ø. Venous thromboembolism in pregnant and puerperal women in Denmark 1995-2005. A national cohort study. *Thromb Haemost.* 2011;106(2):304-9. PMID:21713323. <http://dx.doi.org/10.1160/TH10-12-0823>.
19. Liu S, Rouleau J, Joseph KS, et al. Epidemiology of pregnancy-associated venous thromboembolism: a population-based study in Canada. *J Obstet Gynaecol Can.* 2009;31(7):611-20. PMID:19761634. [http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163\(16\)34240-2](http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163(16)34240-2).
20. Brasil. Ministério da Saúde [site na Internet]. Painel de monitoramento da mortalidade materna. Brasília; 2015. [citado 2016 abr 26]. <http://svs.aids.gov.br/dashboard/mortalidade/materna.show.mtw>
21. Lewis G. Saving mothers' lives: reviewing maternal deaths to make motherhood safer 2003-2005: the seventh report of confidential enquiries into maternal and child health in the United Kingdom. London: CEMACH; 2007.
22. Centre for Maternal and Child Enquiries – CMACE. Saving mothers' lives. Reviewing maternal deaths to make motherhood safer: 2006–08. The eighth report on confidential enquiries into maternal deaths in the United Kingdom. *BJOG.* 2011;118(Supl 1):1-203.
23. Knight M, Kenyon S, Brocklehurst P, Neilson J, Shakespeare J, Kurinczuk JJ. Saving lives, improving mother's care: lessons learned to inform future maternity care from the UK and Ireland Confidential Enquiries into Maternal Deaths and Morbidity 2009-12. Oxford: National Perinatal Epidemiology Unit, University of Oxford; 2014.
24. Nelson-Piercy C, MacCallum P, Mackillop MA. Reducing the risk of venous thromboembolism during pregnancy and the puerperium: RCOG green-top guideline. 37. ed. London: RCOG; 2015. [citado 2016 abr 27]. <https://www.rcog.org.uk/globalassets/documents/guidelines/gtg-37a.pdf>
25. Won HS, Kim DY, Yang MS, Lee SJ, Shin H, Park JB. Pregnancy-induced hypertension, but not gestational diabetes mellitus, is a risk factor for venous thromboembolism in pregnancy. *Korean Circ J.* 2011;41(1):23-7. PMID:21359065. <http://dx.doi.org/10.4070/kcj.2011.41.1.23>.
26. Liu S, Liston RM, Joseph KS, Heaman M, Sauve R, Kramer MS. Maternal mortality and severe morbidity associated with low-risk planned cesarean delivery versus planned vaginal delivery at term. *CMAJ.* 2007;176(4):455-60. PMID:17296957. <http://dx.doi.org/10.1503/cmaj.060870>.
27. Kane EV, Calderwood C, Dobbie R, Morris C, Roman E, Greer IA. A population-based study of venous thrombosis in pregnancy in Scotland 1980-2005. *Eur J Obstet Gynecol Reprod Biol.* 2013;169(2):223-9. PMID:23684606. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ejogrb.2013.03.024>.
28. McColl MD, Walker ID, Greer IA. The role of inherited thrombophilia in venous thromboembolism associated with pregnancy. *Br J Obstet Gynaecol.* 1999;106(8):756-66. PMID:10453824. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-0528.1999.tb08395.x>.
29. Gerhardt A, Scharf RE, Zotz RB. Effect of hemostatic risk factors on the individual probability of thrombosis during pregnancy and the puerperium. *Thromb Haemost.* 2003;90(1):77-85. PMID:12876629.
30. Knight M. Antenatal pulmonary embolism: risk factors, management and outcomes. *BJOG.* 2008;115(4):453-61. PMID:18201281. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-0528.2007.01622.x>.
31. James AH, Jamison MG, Brancazio LR, Myers ER. Venous thromboembolism during pregnancy and the postpartum period: incidence, risk factors, and mortality. *Am J Obstet Gynecol.* 2006;194(5):1311-5. PMID:16647915. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajog.2005.11.008>.
32. Larsen TB, Sørensen HT, Gislum M, Johnsen SP. Maternal smoking, obesity, and risk of venous thromboembolism during pregnancy and the puerperium: a population-based nested case-control study. *Thromb Res.* 2007;120(4):505-9. PMID:17257657. <http://dx.doi.org/10.1016/j.thromres.2006.12.003>.
33. Robinson HE, O'Connell CM, Joseph KS, McLeod NL. Maternal outcomes in pregnancies complicated by obesity. *Obstet Gynecol.* 2005;106(6):1357-64. PMID:16319263. <http://dx.doi.org/10.1097/01.AOG.0000188387.88032.41>.
34. Anderson FA Jr, Spencer FA. Risk factors for venous thromboembolism. *Circulation.* 2003;107(23, Supl 1):16. PMID:12814980.
35. National Collaborating Centre for Women's and Children's Health. National Institute for Health and Clinical Excellence. Antenatal care: routine care for the healthy pregnant woman. 2. ed. London: RCOG Press; 2008. Clinical Guideline, 2008.
36. Hezelgrave NL, Whitty CJM, Shennan AH, Chappell LC. Advising on travel during pregnancy. *BMJ.* 2011;342(1):d2506. PMID:21527456. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.d2506>.
37. Greer I. Air travel and pregnancy. London: RCOG; 2013. no. 1. [citado 2014 abr 29]. <https://www.rcog.org.uk/en/guidelines-researchservices/guidelines/sip1/>
38. Sultan AA, West J, Tata LJ, Fleming KM, Nelson-Piercy C, Grainge MJ. Risk of first venous thromboembolism in pregnant women in hospital: population based cohort study from England. *BMJ.* 2013;347(15):f6099. PMID:24201164. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.f6099>.
39. Bröms G, Granath F, Linder M, Stephansson O, ElMBERG M, Kieler H. Complications from inflammatory bowel disease during pregnancy and delivery. *Clin Gastroenterol Hepatol.* 2012;10(11):1246-52. PMID:22922307. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cgh.2012.08.018>.
40. Erekson EA, Brousseau EC, Dick-Biascochea MA, Ciarleglio MM, Lockwood CJ, Pettker CM. Maternal postoperative complications after non obstetric antenatal surgery. *J Matern Fetal Neonatal Med.* 2012;25(12):2639-44. PMID:22735069. <http://dx.doi.org/10.3109/14767058.2012.704445>.
41. Blanco-Molina A, Trujillo-Santos J, Criado J, et al. Venous thromboembolism during pregnancy or postpartum: findings from the RIETE Registry. *Thromb Haemost.* 2007;97(2):186-90. PMID:17264945.
42. Danilenko-Dixon DR, Heit JA, Silverstein MD, et al. Risk factors for deep vein thrombosis and pulmonary embolism during pregnancy or post-partum: a population-based, case-control study. *Am J Obstet Gynecol.* 2001;184(2):104-10. PMID:11174488. <http://dx.doi.org/10.1067/mob.2001.107919>.
43. Chan WS, Rey E, Kent NE, et al. Venous thromboembolism and antithrombotic therapy in pregnancy. *J Obstet Gynaecol Can.* 2014;36(6):527-53. PMID:24927193. [http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163\(15\)30569-7](http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163(15)30569-7).
44. James A. Practice bulletin no. 123: thromboembolism in pregnancy. *Obstet Gynecol.* 2011;118(3):718-29. PMID:21860313. <http://dx.doi.org/10.1097/AOG.0b013e3182310c4c>.
45. Royal College of Obstetricians and Gynaecologists – RCOG. Reducing the risk of thrombosis and embolism during pregnancy and the puerperium. London: RCOG; 2015. Green-top Guideline,



- 37a. [citado 2016 abr 27]. <https://www.rcog.org.uk/globalassets/documents/guidelines/gtg-37a.pdf>
46. Bates SM, Greer IA, Middeldorp S, Veenstra DL, Prabulos AM, Vandvik PO. VTE, thrombophilia, antithrombotic therapy, and pregnancy: Antithrombotic Therapy and Prevention of Thrombosis. *Chest*. 2012;141(2, Supl):e691S-736S. PMID:22315276. <http://dx.doi.org/10.1378/chest.11-2300>.
47. Lockwood CJ. ACOG Guidelines at a Glance: the mystery of the antibodies still awaits a solution. *Ohio: Contemporary OB/GYN*; 2013. [citado 2016 abr 27]. <http://contemporaryobgyn.modernmedicine.com/contemporary-obgyn/content/tags/acog-practice-bulletins/acog-guidelines-glance-mystery-antibodies-st>
48. Toohar R, Gates S, Dowswell T, Davis LJ. Prophylaxis for venous thromboembolic disease in pregnancy and the early postnatal period. *Cochrane Database Syst Rev*. 2010;(5):CD001689. PMID:20464719.
49. Toohar R, Gates S, Dowswell T, Davis LJ. Prophylaxis for venous thromboembolic disease in pregnancy and the early postnatal period. *Cochrane Database Syst Rev*. 2010;(5):CD001689. PMID:20464719.
50. Jacobsen AF, Skjeldestad FE, Sandset PM. Ante- and postnatal risk factors of venous thrombosis: a hospital-based case-control study. *J Thromb Haemost*. 2008;6(6):905-12. PMID:18363820. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1538-7836.2008.02961.x>.

---

**Correspondência**

Marcos Arêas Marques  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Hospital  
Universitário Pedro Ernesto – HUPE, Angiologia  
Rua Barão de Lucena, 48, sala 10 - Botafogo  
CEP 22260-020 - Rio de Janeiro (RJ), Brasil  
Tel.: (21) 99859-0160  
E-mail: mareasmarques@gmail.com

**Informações sobre os autores**

ALMLO - Médico obstetra do Centro de Referência da Saúde da Mulher do Estado de São Paulo; Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP).  
MAM - Médico angiologista da Unidade Docente Assistencial de Angiologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

**Contribuições dos autores**

Concepção e desenho do estudo: ALMLO  
Análise e interpretação dos dados: ALMLO, MAM  
Coleta de dados: ALMLO  
Redação do artigo: ALMLO, MAM  
Revisão crítica do texto: ALMLO, MAM  
Aprovação final do artigo\*: ALMLO, MAM  
Análise estatística: ALMLO, MAM  
Responsabilidade geral pelo estudo: ALMLO, MAM

\*Todos os autores leram e aprovaram a versão final submetida ao J Vasc Bras.

# Venous thromboembolism prophylaxis in pregnancy

## *Profilaxia de tromboembolismo venoso na gestação*

André Luiz Malavasi Longo de Oliveira<sup>1</sup>, Marcos Arêas Marques<sup>2</sup>

### Abstract

Venous thromboembolism is a major cause of obstetric morbidity and mortality. During pregnancy, the risk of occurrence increases between five and ten times when compared to women of the same age who are not pregnant. Compounding this is the fact that pregnant women present certain characteristics that make diagnosis more difficult using clinical signs (high frequency of pain and swelling in the lower limbs), echographic examination (lower sensitivity and specificity for diagnosis of iliac vein thrombosis as pregnancy progresses), and laboratory findings (D-dimer levels progressively increase throughout pregnancy). Conducting careful stratification of women's venous thromboembolism risk before pregnancy could reduce the incidence of this disease, which is frequent and difficult to diagnose during pregnancy, and of its complications.

**Keywords:** venous thrombosis; prophylaxis; pregnancy.

### Resumo

O tromboembolismo venoso é importante causa de morbidade e mortalidade obstétrica. Durante a gestação, o risco de sua ocorrência aumenta entre cinco e dez vezes quando comparado ao de mulheres não gestantes de mesma idade. Associado a esse fato, a gestante apresenta algumas limitações para o diagnóstico clínico (alta frequência de dor e edema nos membros inferiores), ecográfico (menor sensibilidade e especificidade no diagnóstico de trombose venosa de íliaca com a evolução da gestação) e laboratorial (o D-dímero apresenta aumento progressivo no decorrer da gravidez). Uma estratificação criteriosa de risco de tromboembolismo venoso de cada mulher antes da gestação pode diminuir a incidência dessa doença, frequente e de difícil diagnóstico na gravidez, e suas complicações.

**Palavras-chave:** trombose venosa; profilaxia; gravidez.

<sup>1</sup>Centro de Referência da Saúde da Mulher do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brazil.

<sup>2</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Hospital Universitário Pedro Ernesto – HUPE, Angiologia, Rio de Janeiro, RJ, Brazil.

Financial support: None.

Conflicts of interest: The authors have served as speakers for Sanofi.

Submitted: October 12, 2016. Accepted: December 14, 2016.

The study was carried out at Hospital Universitário Pedro Ernesto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) and Centro de Referência da Saúde da Mulher do Estado de São Paulo, SP, Brazil.

## ■ INTRODUCTION

Throughout history, giving birth has always been associated with a risk of death. As hospital care has improved, medical interventions have reduced maternal death rates and, in countries that control the classic direct causes of maternal death, such as puerperal infection, eclampsia, and hemorrhage, venous thromboembolism (VTE) figures as the number one cause.<sup>1,2</sup> In its most lethal form, VTE, pulmonary embolism (PE) is subject to serious barriers that make diagnosis during pregnancy much less likely, which is partly the result of restrictions to the use of imaging methods that are dependent on radiation.<sup>3-5</sup>

Pregnant women have three of the etiopathogenic components of Virchow's triad: a) stasis, caused by compression of the vena cava and left common iliac by the pregnant uterus and by reduced venous tone resulting from the myorelaxant action of progesterone; b) hypercoagulability, secondary to induction of hepatic synthesis of coagulation factors VII, VIII, and X by placental estriol, increased levels of fibrinogen and plasminogen activator inhibitor types I and II, and reduced synthesis of protein S; c) endothelial injury, which occurs in implantation, endovascular remodeling of the uterine spiral arteries, and placental delivery.<sup>6</sup>

The risk of VTE is five to 10 times greater during pregnancy and can be as much as 20 times greater during the puerperium, when compared with women of the same age who are not pregnant.<sup>6-8</sup> After this period, the frequency reduces rapidly, although there is a residual risk that lasts for up to 12 weeks after delivery.<sup>9</sup>

Deep venous thrombosis (DVT) in lower limbs is responsible for 75 to 80% of VTE episodes during pregnancy.<sup>6</sup> Approximately two thirds of DVTs occur during the prenatal period and are equally distributed across the three trimesters. However, 43 to 60% of PE events occur during the first 6 weeks of the postpartum period.<sup>10,11</sup> Among pregnant women, DVTs are predominately seen in the left lower limb (90% vs. 55%) and the iliofemoral segment (72% vs. 9%), when compared with women who are not pregnant. This phenomenon can be attributed to the increased compression of the left common iliac vein by the right common iliac artery against the fifth lumbar vertebra, caused by the pregnant uterus.<sup>6</sup>

The prevalence of VTE is 0.5 to 2.2 cases in every 1,000 births, depending on the population studied.<sup>7,11-16</sup> The absolute incidence of VTE during pregnancy and the puerperium was 107 per 100,000 woman-years in the United Kingdom (UK)<sup>17</sup> and 175 per 100,000 woman-years in Denmark and Canada.<sup>18,19</sup>

In Brazil there are no official data on maternal mortality due to VTE.<sup>20</sup> In the UK, PE is still the number one direct cause of maternal deaths; but there was a significant reduction in maternal mortality from PE in vaginal deliveries (from 1.56 per 100,000 births in 2003-2005 to 0.70 per 100,000 births in 2006-2008). This was the result of adoption of the first version (2004) of the Royal College of Obstetricians and Gynaecologists' (RCOG) guidelines for reduction of VTE risk during pregnancy and the puerperium.<sup>21,22</sup> Prevention of VTE during pregnancy, by following guidelines that consider risk factors and indicate institution of mechanical and/or pharmacological prophylaxis is the best strategy for reducing the rate of this highly dangerous complication.<sup>3-5,23</sup>

## ■ METHODOLOGY

This article describes a review of literature indexed on the PUBMED bibliographic database, with publication dates from 2011 to 2016. The search strategy employed the following keywords: venous thrombosis, deep venous thrombosis, superficial venous thrombosis, venous thrombosis prophylaxis, treatment venous thromboembolism, disease pregnancy, pregnancy outcome, thrombophilia pregnancy, and maternal mortality. The criterion for selecting articles for the study was those with at least one of these keywords.

## ■ RESULTS AND DISCUSSION

### Risk factors

It is estimated that 79 to 89% of pregnant women who die because of PE exhibit at least one identifiable risk factor.<sup>21-24</sup> Caesarean delivery is one significant risk factor,<sup>11,25,26</sup> but women who deliver vaginally are also at risk.<sup>21</sup> A previous VTE and a prior diagnosis of thrombophilia are two risk factors for VTE in pregnant women that can be identified from a patient history before pregnancy.<sup>19,27,28</sup> Studies report that hereditary thrombophilias are observed in 20 to 50% of cases of VTE events in pregnancy.<sup>24,29</sup> Pregnant women who have had a prior VTE are at a 24.8 times greater risk of recurrence.<sup>24</sup>

### Obesity

Obesity is another important risk factor for VTE during pregnancy<sup>11,15,30-32</sup> and the level of risk rises as body mass index (BMI) increases.<sup>33</sup> Obesity (BMI > 30 kg/m<sup>2</sup>) is associated with a 14.9 times increase in the risk of PE and DVT.<sup>32</sup> Maternal overweight (BMI from 25 to 29.9 kg/m<sup>2</sup>) is a very common, although weak, risk factor for pregnancy-related VTE.<sup>24</sup>

The proportion of pregnant women who died from PE in the UK between 2003 and 2008 who were obese (BMI of 30 kg/m<sup>2</sup> or more) was as high as 60%.<sup>21,22</sup>

### Age

Data extracted from case-control studies suggest that the risk is double for women over the age of 35.<sup>14,15,19</sup> A study conducted in the UK with a large cohort of women who were not pregnant found that participants aged from 35 to 44 had a 50% higher risk of VTE when compared with those aged 25 to 34. Rates of prenatal VTE did not increase with age, but recently-delivered women aged 35 to 44 exhibited a 70% higher risk when compared to those aged 25 to 34 (equivalent to an increase in absolute risk of 1.6 per 1,000 person-years).<sup>17</sup> A similar study conducted in Korea observed that increases in age were not correlated with increased risk of VTE.<sup>25</sup> In general, it is considered that age greater than 35 years is both a prenatal and postnatal risk factor.<sup>24</sup>

### Immobility and long-distance travel

There is limited data on immobility and long-distance travel in pregnant women and it is necessary to extrapolate evidence from studies of populations of women who are not pregnant.<sup>34-36</sup> Guidelines published by the UK National Institute of Health and Care Excellence (NICE)<sup>35</sup> and the RCOG's recommendations on air travel during pregnancy<sup>37</sup> state that flights that last longer than 4 hours increase the risk of VTE. A Norwegian case-control study indicated that there is an increased risk of VTE among pregnant women with BMI > 25 kg/m<sup>2</sup> and prenatal immobilization (defined as strict bed rest for a period of 1 week or more before delivery or before diagnosis of VTE), showing the multiplication effects on risk of prenatal and postnatal VTE (risk: 40.1 and 62.3 respectively).<sup>11</sup>

### Hospital admission

Hospital admission during pregnancy is associated with an 18 times greater risk of VTE compared with baseline risk for those not in hospital, and the risk remains high after delivery; six times higher up to 28 days after birth. Hospital admission risk is greatest during the third trimester of pregnancy and among women over the age of 35.<sup>38</sup>

### Other risk factors

Certain comorbidities have been associated with increased risk of VTE during pregnancy, including inflammatory intestinal disease,<sup>39</sup> urinary tract infection,<sup>24</sup> systemic lupus erythematosus, heart diseases,<sup>19</sup> systemic arterial hypertension induced by

pregnancy or pre-eclampsia,<sup>25,27</sup> and non- obstetric prenatal surgery.<sup>40</sup>

An analysis of data from 1,475,301 discharges from Scottish maternity units conducted by Kane et al.<sup>27</sup> identified risk factors associated with VTE that included three or more previous pregnancies, obstetric hemorrhage, and pre-eclampsia.

Hyperemesis increases the risk of postnatal VTE by a factor of 4.4.<sup>19</sup> Correct use of this information has profound implications for obstetricians, since many thromboembolic events are fatal and occur during the first trimester, often before the first prenatal consultation has been scheduled, which is when prenatal prophylaxis will be initiated.<sup>13,21,24,41,42</sup> Other risk factors for VTE and their respective relative risks are listed in Table 1.

### Prophylaxis

Stratification of risk of VTE during pregnancy is based on case-by-case assessment of every patient and should be conducted for all women before pregnancy and as soon as they become pregnant, and it is recommended that assessments should be repeated throughout prenatal care, as new risk factors emerge. The pregnant woman's preferences and values should be taken into account when thromboprophylaxis is being chosen.<sup>43</sup>

A summary is given below of the guidelines for diagnosis, prophylaxis, and treatment of VTE during pregnancy published by the relevant medical associations: the American College of Obstetricians and Gynaecologists (ACOG),<sup>44</sup> the Society of Obstetricians and Gynaecologists of Canada (SOGC),<sup>43</sup> the UK's RCOG,<sup>45</sup> and the American College of Chest Physicians (ACCP).<sup>46</sup> Table 2 lists the heparin dosages suggested by the SOGC for prophylaxis against VTE in pregnant women.<sup>43</sup>

### Prevention of VTE recurrence

Single VTE without use of long-term anticoagulation and with known thrombophilia

Heterozygosity for factor V Leiden or mutation of the 20210 prothrombin gene

#### Antepartum

ACOG: prophylactic or intermediate doses of low molecular weight heparin (LMWH), prophylactic doses of unfractionated heparin (UFH), or clinical observation.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH for entire pregnancy.<sup>45</sup>

**Table 1.** Risk factors for VTE during pregnancy and their associated relative risks (RR).

Risk factor	RR
Previous VTE	24.8
Age > 35 years	1.3
Obesity	2.65
BMI > 30 kg/m <sup>2</sup>	5.3
BMI > 25 kg/m <sup>2</sup>	1.8
Weight gain > 21 kg during pregnancy	1.6
Multiparity	4.03
Prenatal smoking (10-30 cigarettes/day)	2.1
Postnatal smoking (10-30 cigarettes/day)	3.4
Smoking during pregnancy	2.7
Sickle-cell anemia	6.7
Heart disease	7.1
Systemic lupus erythematosus	8.7
Anemia	2.6
Varicose veins	2.4
Immobility	7.7
Pre-eclampsia	3.1
Hyperemesis	4.4
In vivo fertilization	4.2
Twin pregnancy	2.6
Multiple pregnancy	4.2
Premature delivery (< 37 weeks gestation)	2.4
Still birth	6.24
Prepartum hemorrhage	2.3
Emergency	2.7
Elective caesarean	1.3
Postpartum hemorrhage > 1 L	4.1
Postpartum hemorrhage > 1 L + surgery	12
Postpartum infection	4.1
Caesarean + postpartum infection	6.2
Transfusion	7.6

VTE: venous thromboembolism; RR: relative risk; BMI: body mass index.

ACCP: low risk of recurrence (single episode associated with transitory risk unrelated to pregnancy or estrogen): clinical observation;

Moderate to high risk (single unprovoked VTE episode, VTE related to pregnancy or to use of estrogen, or multiple unprovoked VTEs) without use of long-term anticoagulation: prophylactic or intermediate doses of LMWH.<sup>46</sup>

**Postpartum**

ACOG: intermediate doses of LMWH or UFH or anticoagulation with vitamin K antagonists (VKA) for 4 to 6 weeks.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH or anticoagulation with VKA.<sup>45</sup>

**Table 2.** Dosages of LMWH and UFH for prophylaxis of VTE related to pregnancy suggested by the SOCCG<sup>43</sup>.

<b>Prophylactic dose of UFH</b>
5,000 UI SC twice a day
<b>Intermediate dose of UFH</b>
10,000 UI SC twice a day
<b>Prophylactic dose of LMWH</b>
Dalteparin: 5,000 UI once a day
Enoxaparin: 40 mg once a day
<b>Intermediate dose of LMWH</b>
Dalteparin: 5,000 UI twice a day or 10,000 UI once a day
Enoxaparin: 80 mg once a day or 40 mg twice a day

LMWH: low-molecular-weight heparin; UFH: unfractionated heparin; VTE: venous thromboembolism; SOCCG: The Society of Obstetricians and Gynaecologists of Canada; SC: subcutaneous.

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA for 6 weeks.<sup>46</sup>

**Protein C or S deficiency**

**Antepartum**

ACOG: prophylactic or intermediate doses of LMWH, UFH or clinical observation.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH for entire pregnancy.<sup>45</sup>

ACCP: low risk of recurrence: clinical observation; Moderate to high risk without use of long-term anticoagulation: prophylactic or intermediate doses of LMWH.<sup>46</sup>

**Postpartum**

ACOG: anticoagulation with VKA or intermediate doses of LMWH or UFH for 4 to 6 weeks.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH or anticoagulation with VKA for 6 weeks.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH for 6 weeks.<sup>46</sup>

**Combined heterozygosity**

**Antepartum**

ACOG: prophylactic, intermediate, or adjusted doses of LMWH or UFH.<sup>44</sup>

SOGC: intermediate or therapeutic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH.<sup>45</sup>

ACCP: low risk of recurrence of VTE: clinical observation.<sup>46</sup>

**Postpartum**

ACOG: intermediate or adjusted doses of LMWH, UFH or anticoagulation with VKA for 4 to 6 weeks.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH or anticoagulation with VKA for at least 6 weeks.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA for 6 weeks.<sup>46</sup>

Antithrombin deficiency

Antepartum

ACOG: prophylactic, intermediate, or adjusted doses of LMWH or UFH.<sup>44</sup>

SOGC: intermediate or therapeutic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: management should involve a physician who is a specialist in anticoagulation or thrombosis during pregnancy; consider serial prenatal assays of anti-Xa factor and evaluate the possibility of antithrombin replacement at the start of labor or before a caesarean; if anti-Xa levels are assayed, a test should be chosen that does not use exogenous antithrombin, targeting a peak 4 hours after administration of 0.5 to 1.0 UI/mL: high dose LMWH (50, 75 or 100% of full weight-adjusted dose).<sup>45</sup>

ACCP: low risk of recurrence: clinical observation;

Moderate to high risk without use of long-term anticoagulation: prophylactic or intermediate doses of LMWH.<sup>46</sup>

Postpartum

ACOG: prophylactic or intermediate doses of LMWH, UFH, or anticoagulation with VKA for 4 to 6 weeks.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: LMWH, 50, 75 or 100% of full weight-adjusted dose for 6 weeks or until resumption of oral anticoagulation.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA.<sup>46</sup>

Antiphospholipid antibody syndrome (APS)

Antepartum

ACOG: anticoagulation with heparin for entire pregnancy.<sup>44</sup>

SOGC: intermediate or therapeutic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: management should involve a physician who is a specialist in anticoagulation or thrombosis during pregnancy: prophylaxis with high doses of LMWH (50, 75 or 100% of full weight-adjusted dose).<sup>45</sup>

ACCP: low risk of recurrence: clinical observation;

Moderate to high risk of recurrence without use of long-term anticoagulation: prophylactic or intermediate doses of LMWH.<sup>46</sup>

Postpartum

ACOG: 6 weeks of anticoagulation with heparin.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: high doses of LMWH (50%, 75% or 100% of full weight-adjusted dose) until resumption of oral anticoagulation.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA.<sup>46</sup>

Previous VTE associated with a transitory risk factor unrelated to estrogen, with no known thrombophilia

Antepartum

ACOG: clinical observation.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: if the VTE was provoked by major surgery, with no other risk factors, thromboprophylaxis with LMWH can be started at 28 weeks, if there are no other risk factors; if the original VTE was related to transitory risk factors other than major surgery, LMWH should be administered for the entire pregnancy.<sup>45</sup>

ACCP: low risk of recurrence: clinical observation.<sup>46</sup>

Postpartum

ACOG: anticoagulant therapy postpartum.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH or anticoagulation with VKA for at least 6 weeks.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA for 6 weeks, if there is no C or S protein deficiency.<sup>46</sup>

Previous VTE associated with pregnancy or estrogen

Antepartum

ACOG: prophylactic doses of LMWH or UFH.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: thromboprophylaxis with LMWH.<sup>45</sup>

ACCP: moderate to high risk of recurrence without use of long-term anticoagulation: prophylactic or intermediate doses of LMWH.<sup>46</sup>

Postpartum

ACOG: anticoagulant therapy postpartum.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: prophylaxis with LMWH or anticoagulation with VKA for at least 6 weeks.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA, for 6 weeks, if there is no C or S protein deficiency.<sup>46</sup>

### Previous unprovoked VTE

#### Antepartum

ACOG: prophylactic doses of LMWH or UFH.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH.<sup>45</sup>

ACCP: moderate to high risk of recurrence of VTE without use of long-term anticoagulation: prophylactic or intermediate doses of LMWH.<sup>46</sup>

#### Postpartum

ACOG: anticoagulant therapy postpartum.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: prophylactic doses of LMWH or AVK for at least 6 weeks.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA for 6 weeks, if there is no C or S protein deficiency.<sup>46</sup>

### Two or more episodes of VTE without long-term anticoagulation

#### Antepartum

ACOG: prophylactic or therapeutic doses of LMWH or UFH.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: management by a physician who is a specialist in thrombosis during pregnancy: high doses of LMWH (50%, 75% or 100% of weight-adjusted dose).<sup>45</sup>

ACCP: moderate to high risk of recurrence without use of long-term anticoagulation: prophylactic or intermediate doses of LMWH.<sup>46</sup>

#### Postpartum

ACOG: anticoagulation postpartum for 4 to 6 weeks.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable) for 6 weeks.<sup>43</sup>

RCOG: high doses of LMWH (50%, 75% or 100% of full weight-adjusted dose) for 6 weeks.<sup>45</sup>

ACCP: prophylactic or intermediate doses of LMWH or anticoagulation with VKA for 6 weeks, if there is no C or S protein deficiency.<sup>46</sup>

### Two or more episodes of VTE with use of long term anticoagulation

#### Antepartum

ACOG: therapeutic doses of LMWH or UFH.<sup>44</sup>

SOGC: prophylactic doses of UFH or LMWH (preferable).<sup>43</sup>

RCOG: women should be warned of the risks to the fetus of VKA and counseled to stop this medication and

change to LMWH as soon as pregnancy is confirmed (the ideal is 2 weeks after a late period and before 6 weeks of pregnancy): high doses of LMWH (50%, 75% or 100% of full weight-adjusted dose).<sup>44</sup>

ACCP: when long-term VKA is being used and if the patient is a candidate for substitution with LMWH, it is suggested that pregnancy tests are conducted frequently and VKA is only substituted with LMWH when a pregnancy is confirmed. Adjusted doses or 75% of the therapeutic dose of LMWH are recommended.<sup>46</sup>

#### Postpartum

ACOG: resume long-term anticoagulation.<sup>44</sup>

SOGC: resume long-term anticoagulation.<sup>43</sup>

RCOG: high doses of LMWH (50%, 75% or 100% of full weight-adjusted dose) for 6 weeks until resumption of oral anticoagulation. Use of VKA can be resumed for women who were on long-term anticoagulation with this drug when the risk of bleeding has reduced, usually 5 to 7 days postpartum.<sup>45</sup>

ACCP: it is suggested that resumption of long-term anticoagulation is preferable to administration of prophylactic doses of LMWH.<sup>46</sup>

### Prevention of VTE associated with caesarean delivery

A Cochrane systematic review concluded that there is not enough evidence for post-caesarean thromboprophylaxis because of the small number of studies and different comparison criteria.<sup>47</sup> While the risk of VTE associated with caesarean is low,<sup>15,48-50</sup> when it is present in combination with other risk factors, the rate of VTE occurrence becomes significant and thromboprophylaxis should be initiated.<sup>43-46</sup>

ACOG: intermittent pneumatic compression (IPC) before caesarean if the patient is not on thromboprophylaxis.<sup>44</sup>

SOGC: postpartum pharmacological prophylaxis is recommended in the following situations: previous VTE; high-risk thrombophilia (APS, antithrombin deficiency, homozygosity for factor V Leiden or G20210A prothrombin gene mutation, or combined thrombophilias), strict bed rest for 7 days or more before delivery, blood loss of at least 1 L during peripartum or postpartum, transfusion of blood products, postpartum surgery, and infection during peripartum or postpartum.<sup>43</sup> Use of pharmacological prophylaxis should be considered in the event of two or more of the following: BMI  $\geq$  30 kg/m<sup>2</sup> at first prenatal consultation, smoking > 10 cigarettes/day, pre-eclampsia, fetal growth restriction, placenta

previa, emergency caesarean, blood loss of at least 1 L during peripartum or postpartum or transfusion of blood products, low risk thrombophilia (C or S protein deficiency, heterozygosity for factor V Leiden or G20210A prothrombin gene mutation), maternal cardiac disease, systemic lupus erythematosus, sickle-cell anemia, intestinal inflammatory disease, varicose veins in lower limbs, gestational diabetes, premature delivery, still birth, or three or more of the following risk factors: age > 35 years, parity  $\geq 2$ , any type of assisted reproductive technology, multiple pregnancy, placental abruption, premature rupture of membranes, elective caesarean, or maternal cancer. Women with persistent risk factors should be given thromboprophylaxis for a minimum of 6 weeks postpartum; women with transitory risk factors during antepartum or peripartum should be given thromboprophylaxis until hospital discharge or up to 2 weeks after birth.<sup>43</sup>

RCOG: emergency caesarean, 10 days after delivery with prophylactic doses of LMWH; for all other caesarean patients, consider 10 days of LMWH at prophylactic doses if there are other risk factors.<sup>45</sup>

ACCP: in the absence of additional risk factors, no prophylaxis should be prescribed beyond early mobilization; in cases with one major risk factor or  $\geq$  two minor risk factors (or one minor factor if caesarean was an emergency), prophylaxis with LMWH after delivery is suggested while the patient is still in hospital (if there are contraindications to anticoagulation, use mechanical prophylaxis with elastic stockings or IPC); in extremely high-risk cases with additional risk factors that persist into puerperium, combine LMWH with elastic stockings and/or IPC; selected high-risk patients with additional risk factors that persist into puerperium should be given up to 6 weeks extension of prophylaxis after hospital discharge.<sup>46</sup>

## CONCLUSIONS

The recommendations suggested here could be subject to individual variations between different patients and are intended to inform and not to substitute the clinical judgment of the physician, who is ultimately responsible for determination of the appropriate treatment for each individual patient. Notwithstanding, with appropriate prophylactic management, the incidence of VTE in pregnant women can be reduced, thereby preventing its acute and chronic complications.

## REFERENCES

- Say L, Chou D, Gemmill A, et al. Global causes of maternal death: a WHO systematic analysis. *Lancet Glob Health*. 2014;2(6):e323-33. PMID:25103301. [http://dx.doi.org/10.1016/S2214-109X\(14\)70227-X](http://dx.doi.org/10.1016/S2214-109X(14)70227-X).
- Bourjeily G, Paidas M, Khalil H, Rosene-Montella K, Rodger M. Pulmonary embolism in pregnancy. *Lancet*. 2010;375(9713):500-12. PMID:19889451. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(09\)60996-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(09)60996-X).
- Chan WS, Ray JG, Murray S, Coady GE, Coates G, Ginsberg JS. Suspected pulmonary embolism in pregnancy: clinical presentation, results of lung scanning, and subsequent maternal and pediatric outcomes. *Arch Intern Med*. 2002;162(10):1170-5. PMID:12020189. <http://dx.doi.org/10.1001/archinte.162.10.1170>.
- Shahir K, Goodman LR, Tali A, Thorsen KM, Hellman RS. Pulmonary embolism in pregnancy: CT pulmonary angiography versus perfusion scanning. *AJR Am J Roentgenol*. 2010;195(3):214-20. PMID:20729418. <http://dx.doi.org/10.2214/AJR.09.3506>.
- Ramsay R, Byrd L, Tower C, James J, Prescott M, Thachil J. The problem of pulmonary embolism diagnosis in pregnancy. *Br J Haematol*. 2015;170(5):727-8. PMID:25752876. <http://dx.doi.org/10.1111/bjh.13322>.
- Simcox LE, Ormsher L, Tower C, Greer IA. Pulmonary thromboembolism in pregnancy: diagnosis and management. *Breathe*. 2015;11(4):282-9. PMID:27066121. <http://dx.doi.org/10.1183/20734735.008815>.
- Heit JA, Kobbervig CE, James AH, Petterson TM, Bailey KR, Melton LJ 3rd. Trends in the incidence of venous thromboembolism during pregnancy or postpartum: a 30-year population-based study. *Ann Intern Med*. 2005;143(10):697-706. PMID:16287790. <http://dx.doi.org/10.7326/0003-4819-143-10-200511150-00006>.
- Greer IA. Thrombosis in pregnancy: updates in diagnosis and management. *Hematology*. 2012;2012:203-7. PMID:23233582.
- Kamel H, Navi BB, Sriram N, Hovsepian DA, Devereux RB, Elkind MSV. Risk of a thrombotic event after the 6-week postpartum period. *N Engl J Med*. 2014;370(14):1307-15. PMID:24524551. <http://dx.doi.org/10.1056/NEJMoa1311485>.
- Ray JG, Chan WS. Deep vein thrombosis during pregnancy and the puerperium: a meta-analysis of the period of risk and the leg of presentation. *Obstet Gynecol Surv*. 1999;54(4, Supl):265-71. PMID:10198931. <http://dx.doi.org/10.1097/00006254-199911001-00026>.
- Jacobsen AF, Skjeldestad FE, Sandset PM. Incidence and risk patterns of venous thromboembolism in pregnancy and puerperium: a register-based case-control study. *Am J Obstet Gynecol*. 2008;198(2):233.e1-7. PMID:17997389. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajog.2007.08.041>.
- Heit JA, Kobbervig CE, James AH, Petterson TM, Bailey KR, Melton LJ 3rd. Trends in the incidence of venous thromboembolism during pregnancy or postpartum: a 30-year population-based study. *Ann Intern Med*. 2005;143(10):697-706. PMID:16287790. <http://dx.doi.org/10.7326/0003-4819-143-10-200511150-00006>.
- Gherman RB, Goodwin TM, Leung B, Byrne JD, Hethumumi R, Montoro M. Incidence, clinical characteristics, and timing of objectively diagnosed venous thromboembolism during pregnancy. *Obstet Gynecol*. 1999;94(5 Pt 1):730-4. PMID:10546719.
- Lindqvist P, Dahlbäck B, Maršál K. Thrombotic risk during pregnancy: a population study. *Obstet Gynecol*. 1999;94(4):595-9. PMID:10511366.
- Simpson EL, Lawrenson RA, Nightingale AL, Farmer RD. Venous thromboembolism in pregnancy and the puerperium: incidence and additional risk factors from a London perinatal database. *BJOG*. 2001;108(1):56-60. PMID:11213005. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-0528.2001.00004.x>.



16. Anderson FA Jr, Wheeler HB, Goldberg RJ, et al. A population-based perspective of the hospital incidence and case-fatality rates of deep vein thrombosis and pulmonary embolism. The Worcester DVT Study. *Arch Intern Med.* 1991;151(5):933-8. PMID:2025141. <http://dx.doi.org/10.1001/archinte.1991.00400050081016>.
17. Sultan AA, West J, Tata LJ, Fleming KM, Nelson-Piercy C, Grainge MJ. Risk of first venous thromboembolism in and around pregnancy: a population-based cohort study. *Br J Haematol.* 2012;156(3):366-73. PMID:22145820. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2141.2011.08956.x>.
18. Virk RA, Løkkegaard ECL, Bergholt T, Mogensen U, Langhoff-Roos J, Lidegaard Ø. Venous thromboembolism in pregnant and puerperal women in Denmark 1995-2005. A national cohort study. *Thromb Haemost.* 2011;106(2):304-9. PMID:21713323. <http://dx.doi.org/10.1160/TH10-12-0823>.
19. Liu S, Rouleau J, Joseph KS, et al. Epidemiology of pregnancy-associated venous thromboembolism: a population-based study in Canada. *J Obstet Gynaecol Can.* 2009;31(7):611-20. PMID:19761634. [http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163\(16\)34240-2](http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163(16)34240-2).
20. Brasil. Ministério da Saúde [site na Internet]. Painel de monitoramento da mortalidade materna. Brasília; 2015. [citado 2016 abr 26]. <http://svs.aids.gov.br/dashboard/mortalidade/materna.show.mtw>
21. Lewis G. Saving mothers' lives: reviewing maternal deaths to make motherhood safer 2003-2005: the seventh report of confidential enquiries into maternal and child health in the United Kingdom. London: CEMACH; 2007.
22. Centre for Maternal and Child Enquiries (CMACE). Saving mothers' lives. Reviewing maternal deaths to make motherhood safer: 2006-08. The eighth report on confidential enquiries into maternal deaths in the United Kingdom. *BJOG.* 2011;118(Supl 1):1-203.
23. Knight M, Kenyon S, Brocklehurst P, Neilson J, Shakespeare J, Kurinczuk JJ. Saving lives, improving mother's care: lessons learned to inform future maternity care from the UK and Ireland Confidential Enquiries into Maternal Deaths and Morbidity 2009-12. Oxford: National Perinatal Epidemiology Unit, University of Oxford; 2014.
24. Nelson-Piercy C, MacCallum P, Mackillop MA. Reducing the risk of venous thromboembolism during pregnancy and the puerperium: RCOG green-top guideline. 37. ed. London: RCOG; 2015. [citado 2016 abr 27]. <https://www.rcog.org.uk/globalassets/documents/guidelines/gtg-37a.pdf>
25. Won HS, Kim DY, Yang MS, Lee SJ, Shin H, Park JB. Pregnancy-induced hypertension, but not gestational diabetes mellitus, is a risk factor for venous thromboembolism in pregnancy. *Korean Circ J.* 2011;41(1):23-7. PMID:21359065. <http://dx.doi.org/10.4070/kcj.2011.41.1.23>.
26. Liu S, Liston RM, Joseph KS, Heaman M, Sauve R, Kramer MS. Maternal mortality and severe morbidity associated with low-risk planned cesarean delivery versus planned vaginal delivery at term. *CMAJ.* 2007;176(4):455-60. PMID:17296957. <http://dx.doi.org/10.1503/cmaj.060870>.
27. Kane EV, Calderwood C, Dobbie R, Morris C, Roman E, Greer IA. A population-based study of venous thrombosis in pregnancy in Scotland 1980-2005. *Eur J Obstet Gynecol Reprod Biol.* 2013;169(2):223-9. PMID:23684606. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ejogrb.2013.03.024>.
28. McColl MD, Walker ID, Greer IA. The role of inherited thrombophilia in venous thromboembolism associated with pregnancy. *Br J Obstet Gynaecol.* 1999;106(8):756-66. PMID:10453824. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-0528.1999.tb08395.x>.
29. Gerhardt A, Scharf RE, Zotz RB. Effect of hemostatic risk factors on the individual probability of thrombosis during pregnancy and the puerperium. *Thromb Haemost.* 2003;90(1):77-85. PMID:12876629.
30. Knight M. Antenatal pulmonary embolism: risk factors, management and outcomes. *BJOG.* 2008;115(4):453-61. PMID:18201281. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-0528.2007.01622.x>.
31. James AH, Jamison MG, Brancazio LR, Myers ER. Venous thromboembolism during pregnancy and the postpartum period: incidence, risk factors, and mortality. *Am J Obstet Gynecol.* 2006;194(5):1311-5. PMID:16647915. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajog.2005.11.008>.
32. Larsen TB, Sørensen HT, Gislum M, Johnsen SP. Maternal smoking, obesity, and risk of venous thromboembolism during pregnancy and the puerperium: a population-based nested case-control study. *Thromb Res.* 2007;120(4):505-9. PMID:17257657. <http://dx.doi.org/10.1016/j.thromres.2006.12.003>.
33. Robinson HE, O'Connell CM, Joseph KS, McLeod NL. Maternal outcomes in pregnancies complicated by obesity. *Obstet Gynecol.* 2005;106(6):1357-64. PMID:16319263. <http://dx.doi.org/10.1097/01.AOG.0000188387.88032.41>.
34. Anderson FA Jr, Spencer FA. Risk factors for venous thromboembolism. *Circulation.* 2003;107(23, Supl 1):16. PMID:12814980.
35. National Collaborating Centre for Women's and Children's Health. National Institute for Health and Clinical Excellence. Antenatal care: routine care for the healthy pregnant woman. 2. ed. London: RCOG Press; 2008. Clinical Guideline, 2008.
36. Hezelgrave NL, Whitty CJM, Shennan AH, Chappell LC. Advising on travel during pregnancy. *BMJ.* 2011;342(1):d2506. PMID:21527456. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.d2506>.
37. Greer I. Air travel and pregnancy. London: RCOG; 2013. no. 1. [citado 2014 abr 29]. <https://www.rcog.org.uk/en/guidelines-researchservices/guidelines/sip1/>
38. Sultan AA, West J, Tata LJ, Fleming KM, Nelson-Piercy C, Grainge MJ. Risk of first venous thromboembolism in pregnant women in hospital: population based cohort study from England. *BMJ.* 2013;347(15):f6099. PMID:24201164. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.f6099>.
39. Bröms G, Granath F, Linder M, Stephansson O, ElMBERG M, Kieler H. Complications from inflammatory bowel disease during pregnancy and delivery. *Clin Gastroenterol Hepatol.* 2012;10(11):1246-52. PMID:22922307. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cgh.2012.08.018>.
40. Erikson EA, Brousseau EC, Dick-Biascochea MA, Ciarleglio MM, Lockwood CJ, Pettker CM. Maternal postoperative complications after non obstetric antenatal surgery. *J Matern Fetal Neonatal Med.* 2012;25(12):2639-44. PMID:22735069. <http://dx.doi.org/10.3109/14767058.2012.704445>.
41. Blanco-Molina A, Trujillo-Santos J, Criado J, et al. Venous thromboembolism during pregnancy or postpartum: findings from the RIETE Registry. *Thromb Haemost.* 2007;97(2):186-90. PMID:17264945.
42. Danilenko-Dixon DR, Heit JA, Silverstein MD, et al. Risk factors for deep vein thrombosis and pulmonary embolism during pregnancy or post-partum: a population-based, case-control study. *Am J Obstet Gynecol.* 2001;184(2):104-10. PMID:11174488. <http://dx.doi.org/10.1067/mob.2001.107919>.
43. Chan WS, Rey E, Kent NE, et al. Venous thromboembolism and antithrombotic therapy in pregnancy. *J Obstet Gynaecol Can.* 2014;36(6):527-53. PMID:24927193. [http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163\(15\)30569-7](http://dx.doi.org/10.1016/S1701-2163(15)30569-7).
44. James A. Practice bulletin no. 123: thromboembolism in pregnancy. *Obstet Gynecol.* 2011;118(3):718-29. PMID:21860313. <http://dx.doi.org/10.1097/AOG.0b013e3182310c4c>.
45. Royal College of Obstetricians and Gynaecologists – RCOG. Reducing the risk of thrombosis and embolism during pregnancy and the puerperium. London: RCOG; 2015. Green-top Guideline,

- 37a. [citado 2016 abr 27]. <https://www.rcog.org.uk/globalassets/documents/guidelines/gtg-37a.pdf>
46. Bates SM, Greer IA, Middeldorp S, Veenstra DL, Prabulos AM, Vandvik PO. VTE, thrombophilia, antithrombotic therapy, and pregnancy: Antithrombotic Therapy and Prevention of Thrombosis. *Chest*. 2012;141(2, Supl):e691S-736S. PMID:22315276. <http://dx.doi.org/10.1378/chest.11-2300>.
47. Lockwood CJ. ACOG Guidelines at a Glance: the mystery of the antibodies still awaits a solution. *Ohio: Contemporary OB/GYN*; 2013. [citado 2016 abr 27]. <http://contemporaryobgyn.modernmedicine.com/contemporary-obgyn/content/tags/acog-practice-bulletins/acog-guidelines-glance-mystery-antibodies-st>
48. Tooher R, Gates S, Dowswell T, Davis LJ. Prophylaxis for venous thromboembolic disease in pregnancy and the early postnatal period. *Cochrane Database Syst Rev*. 2010;(5):CD001689. PMID:20464719.
49. Tooher R, Gates S, Dowswell T, Davis LJ. Prophylaxis for venous thromboembolic disease in pregnancy and the early postnatal period. *Cochrane Database Syst Rev*. 2010;(5):CD001689. PMID:20464719.
50. Jacobsen AF, Skjeldestad FE, Sandset PM. Ante- and postnatal risk factors of venous thrombosis: a hospital-based case-control study. *J Thromb Haemost*. 2008;6(6):905-12. PMID:18363820. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1538-7836.2008.02961.x>.

---

**Correspondence**

Marcos Arêas Marques  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Hospital  
Universitário Pedro Ernesto – HUPE, Angiologia  
Rua Barão de Lucena, 48, sala 10 - Botafogo  
CEP 22260-020 - Rio de Janeiro (RJ), Brazil  
Tel.: +55 (21) 99859-0160  
E-mail: mareasmarques@gmail.com

**Author information**

ALMLO - Obstetrician at Centro de Referência da Saúde da Mulher do Estado de São Paulo; MSc in Sciences from Universidade de São Paulo (USP).

MAM - Angiologist at Unidade Docente Assistencial de Angiologia, Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

**Author contributions**

Conception and design: ALMLO

Analysis and interpretation: ALMLO, MAM

Data collection: ALMLO

Writing the article: ALMLO, MAM

Critical revision of the article: ALMLO, MAM

Final approval of the article\*: ALMLO, MAM

Statistical analysis: ALMLO, MAM

Overall responsibility: ALMLO, MAM

\*All authors have read and approved of the final version of the article submitted to J Vasc Bras.